

Estrangeiros aumentam fatia em fusões e aquisições no Brasil

M&A Investidor nacional deve ganhar força em 2024 com reação do mercado de capitais

Estrangeiros aumentam participação em aquisições no Brasil

Fernanda Guimarães
De São Paulo

A participação do capital estrangeiro nas transações de fusões e aquisições (M&A, na sigla em inglês) aumentou no ano passado, atingindo o maior percentual em ao menos sete anos. Ao longo de 2023, as transações "cross border" (com compradores estrangeiros) responderam por 50,1% das 371 operações realizadas, segundo levantamento feito pela Seneca Evercore, a pedido do Valor. Considerando apenas a segunda metade do ano, a fatia foi a 54,5%—de um total de 156 operações—, a maior proporção semestral desde 2016. Ainda de acordo com o estudo, desde 2014 ocorreram 5.061 transações de M&A no Brasil, sendo que 47% delas tiveram em comum compradores de fora do país.

A maior fatia abocanhada por compradores de fora do país reflete, segundo banqueiros de investimento, uma melhora da percepção de risco do Brasil, em especial em relação aos seus pares emergentes, o que também tem ocasionado em um maior número de mandatos ao longo das primeiras semanas deste ano. A tendência se mantém para

2024, embora também se espere que os compradores brasileiros mostrem mais força neste ano, impulsionados por um mercado de capitais mais funcional e pela retomada das ofertas iniciais de ações (IPOs, na sigla em inglês).

"Acreditamos que, com base no que observamos no mercado e no nosso próprio 'pipeline' [operações em preparação] de transações, que o primeiro semestre de 2024 será ainda mais forte que o último de 2023 e deverá demonstrar ainda maior predominância na participação dos investidores internacionais", afirma o sócio da Seneca Evercore, Daniel Waistein.

De acordo com o executivo, a maior participação dos estrangeiros em processos de M&A no país surge como consequência da melhora da percepção de risco Brasil, que caiu ao longo do ano passado. "Isso combinado com um relativo baixo desemprego, inflação equacionada até o momento, queda na taxa de juros brasileira e tendência de queda também nos EUA e Ibovespa batendo recordes", afirma.

Se a análise for feita pelo volume financeiro, agora segundo a Dealogic, consultoria que compila dados do mercado financeiro em todo o



Daniel Waistein: melhora na percepção de risco Brasil, Selic em queda e inflação sob controle atraem investidores estrangeiros para o país

mundo, a mesma tendência é observada. No ano passado, de um total de US\$ 37,9 bilhões movimentados em transações, US\$ 17,8 bilhões foram de operações cross border, ou seja, cerca de 47%, a maior fatia dos últimos anos.

O impulso observado no ano passado teve uma ajuda de operações de grande porte, como a venda de participação de unidade de metais básicos da Vale, da AESOR, e da The Body Shop, as duas últimas feitas pela Natura em meio à reestruturação de seus negócios. Nos três casos, as opera-

"No início do ano, tivemos demanda de investidores estrangeiros para saber sobre transações"
Leonardo Cabral

ções estavam em grande parte fora do Brasil, mas são contabilizadas no volume de M&A local por serem de empresas nacionais.

Outro sinal do bom momento para os estrangeiros tem sido observado nos próprios bancos de investimento, com investidores de fora sendo proativos na hora de buscar ativos no Brasil. "No início do ano, tivemos demanda de investidores estrangeiros para saber sobre transações no Brasil, incluindo interesse árabe e chinês. Mas temos mandatos nas duas pontas, não só de estrangeiro querendo investir no Brasil, como de empresas de fora saindo do país por decisão estratégica", afirma o responsável pelo banco de investimento do Santander no Brasil, Leonardo Cabral.

O chefe do banco de investimento do Morgan Stanley no país, Fábio Medeiros, destaca que a participação de investidores estrangeiros no ano passado se torna ainda mais evidente se observadas as transações de mais de US\$ 100 milhões. Nesse recorte,

70% do total foram de transações "cross border". "É o maior número da série histórica, o mesmo de 2016", diz. Segundo executivo, a explicação está relacionada à atratividade do Brasil frente aos seus pares emergentes. "Cada país tem seu próprio desafio. Temos os nossos, mas que não assistam tanto os estrangeiros."

Medeiros frisa que, para este ano, a sua leitura é que as transações locais voltarão a ganhar tração, dividindo melhor a pizza dos M&As com os estrangeiros. Essa expectativa também está ancorada na previsão de melhora do mercado de capitais no Brasil, com a esperada retomada para aberturas de capital no mercado local. Esse tipo de operação ajuda a irrigar o caixa das empresas, o que por sua vez impulsiona o interesse por aquisições.

O responsável pela área de M&A do Bank of America no Brasil, Diogo Aragão, destaca que o mercado de capitais está mais funcional neste ano, tendo em vista não só o mercado de ações,

mas também o de dívida local e internacional, o que ajuda a desativar operações na mesa. "O cenário tem dado mais conforto para as empresas apertarem o botão para uma transação", diz. De acordo com ele, novas transações estão chegando à mesa para negociação, mas outras, antes em compasso de espera, estão sendo retomadas.

"Quando se olha internacionalmente, o Brasil está bem posicionado. O começo da queda de juros, estabilidade do câmbio e cenário político mais estável cria condições para os investidores começarem a olhar o país com mais seriedade", afirma o executivo do Itaú.

Roderick Greenlee, chefe global do banco de investimento do Itaú BBA, afirma que, no geral, as operações que envolvem estrangeiros são grandes e de horizonte de longo prazo. Segundo ele, há várias conversas em andamento, com mandatos novos no início do ano, e que devem contar com a participação de estrangeiros.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças Caderno: C Página: 1